



## **O LAZER INSTRUMENTAL E A DINÂMICA EMPRESARIAL: o SESI como instituição de controle e disciplina**

Cleito Pereira dos Santos

### **RESUMO**

As práticas de lazer no capitalismo moderno foram observadas por autores ligados tanto a sociologia francesa, Dumazedier (1980; 2004), quanto pela sociologia inglesa (Parker, 1978). Destacamos aqui a abordagem francesa devido a influência observada na determinação dos estudos sobre o lazer no Brasil. A sociologia funcionalista associada a Joffre Dumazedier diagnosticava o lazer como oposição ao trabalho, listando-o como atividade descompromissada voltada para a recuperação psíquica e física do trabalhador diante das agruras do trabalho fabril. Esta perspectiva funcionalista marcou após os anos 1970 as políticas de lazer das mais diversas instituições do setor no Brasil, notadamente o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social da Indústria (SESI).

A pesquisa em curso está sendo realizado junto ao Serviço Social da Indústria (SESI-Go)/Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG). Os resultados são preliminares uma vez que a mesma ainda não se encerrou.

Criado nos anos 1940 pelo Governo Vargas, o SESI representa os valores empresariais voltados para a associação entre lazer e trabalho a partir de uma perspectiva instrumental. A instituição possui ligações com a indústria e suas políticas assumem um amplo escopo de atuação, indo de atividades educacionais, saúde, cultura, assistência, responsabilidade social, esporte e lazer. O Sesi demonstra, logo na abertura do site, uma visão de lazer, esporte, cultura, saúde, voltada para a melhoria no desempenho do trabalhador da indústria. Constantemente as atividades ofertadas remetem à qualidade do trabalho, ao desempenho do trabalhador à medida que possibilita uma melhor qualificação da força de trabalho. Nesse sentido, as imagens inseridas no site remetem à condição de trabalho e de melhoria da saúde do trabalhador visando uma melhor performance nos ambientes de trabalho. O controle e a disciplina sobre os trabalhadores se expressam nos claros objetivos das ações implementadas no interior das empresas visando adequar o indivíduo à dinâmica empresarial.

O objetivo desta pesquisa é compreender o processo de constituição da disciplina e do controle empresarial sobre as práticas do lazer, inseridas de modo instrumental no sentido de possibilitar a adequação do trabalho aos objetivos empresariais. A pesquisa em curso



utilizou documentos impressos – revistas, balanços, dentre outros -, informações disponibilizadas no site da instituição, tais como as imagens; teses, dissertações, artigos e livros que retratam a constituição institucional e seu desenvolvimento ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, utilizamos análise do discurso para entender os mecanismos implícitos e explícitos nas práticas institucionais. Espera-se com isso compreender, analisar as formas como o processo de disciplinamento e controle implicam a formação de um tipo específico de lazer: o lazer instrumental e mercantil.

**Palavras-chave:** Lazer Instrumental, SESI, Controle, Disciplina

As práticas de lazer no capitalismo moderno foram observadas por autores ligados tanto a sociologia francesa, (DUMAZEDIER, 1980, 2004), quanto pela sociologia inglesa (PARKER, 1978). Destacamos aqui a francesa devido a influência observada na determinação dos estudos do lazer em certo período no Brasil. A sociologia funcionalista associada a Jofre Dumazedier diagnosticava o lazer como oposição ao trabalho, listando-o como atividade descompromissada voltada para a recuperação psíquica e física do trabalhador diante das agruras do trabalho fabril. Esta perspectiva funcionalista marcou após os anos 1970 as políticas de lazer pelas mais diversas instituições do setor no Brasil, notadamente o Serviço Social do Comércio (SESC) que foi a primeira instituição a trazer os ensinamentos de Dumazedier para o país.

Desde que análise deste autor aportou no país, notamos a continuidade do seu pensamento funcionalista e instrumental acerca do lazer sendo reproduzido e divulgado amplamente pelas instituições interessadas em diagnosticar os diversos aspectos do lazer.

Assim, a associação entre trabalho e lazer aparece desde o início como inserido na perspectiva funcional de relacionar de modo direto “o lazer como produto da situação do trabalho, e também, como ação direta ou indireta sobre o trabalho”. (DUMAZEDIER, 1980, p. 17). O lazer só é positivo, só faz sentido se estiver contribuindo para o desenvolvimento de certas qualidades, características, habilidades para o desenvolvimento do trabalho. O mesmo autor afirmava que existem situações negativas do lazer. Citando pesquisa realizada no Brasil, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, em que uma situação de lazer conduz a rejeição do trabalho. Desse modo:

...há uma situação de lazer que é negativa para o trabalho. A valorização das praias do Rio, por exemplo, favorece um absenteísmo ao trabalho, sobretudo entre os jovens. Uma pesquisa feita sobre os bairros periféricos



de São Paulo, apresentou uma porcentagem bastante significativa de pessoas que diziam: ‘Eu não quero trabalhar’.E não se acanharam em confessá-lo. Pode-se perguntar quantos outros não o ousariam confessar. Ao mesmo tempo, um dado dessa pesquisa é muito curioso: enquanto **mais da metade** dessa população marginal manifestou-se desejosa de ter um pequeno emprego no comércio ou nos escritórios, uma porcentagem ridicularmente baixa, gostaria de trabalhar na indústria”. (DUMAZEDIER, 1980, p. 17. Negrito do autor).

Prevalece de modo evidente a interpretação funcional. Em termos gerais, os autores funcionalistas tratam o lazer como tendo uma função precisa no interior da sociedade capitalista. Esta função está relacionada ao descanso e desenvolvimento de habilidades, capacidades, desenvolvimento psíquico que colabore para a plena inserção nas atividades produtivas, notadamente as atividades ligadas ao trabalho industrial. Ou seja, o lazer só faz sentido se estiver associado ao trabalho; só faz sentido se o indivíduo concebe o lazer como descanso ou desenvolvimento para o trabalho.

Nesta lógica o lazer pensado por este autor só pode ser um lazer programado e instituído pelas organizações capitalistas responsáveis por prescrever qual o tipo de lazer adequado para os indivíduos que trabalham. Soa como inútil o lazer que não conduz ou não se relaciona diretamente com os objetivos do trabalho.

Portanto,

O importante, a partir disso, é mostrar que há uma patologia do lazer, que faz com que os valores do lazer se transformem em valores de ociosidade, não de lazer. Parece-me que desse ponto de vista, a política de lazer do SESC deveria combater essa concepção do lazer como sendo uma negação do trabalho, encontrada tanto nos meios que destacam a cultura da pobreza, como também e chamada contracultura de determinados meios intelectuais. A contracultura, um movimento de pensamento muito forte nos anos 60, valoriza tanto o lazer, que o transforma num centro de todas as atividades humanas. As atenuadas de contracultura são as daqueles que buscam, no ambiente de trabalho, as virtudes do lazer. A menos que alguém lhes ofereça a possibilidade de se dedicar ao artesanato ou de cuidar de cabras, eles recusam o trabalho. Não chegam a constituir um perigo para todos os meios sociais, mas penso que existe uma política do lazer com respeito ao trabalho, que não admite equívocos, neste momento. Um lema para essa afirmação seria: **o lazer nega a ociosidade, é um complemento do trabalho. O lazer supõe o trabalho e a ociosidade o nega.**” (DUMAZEDIER, 1980, p. 17-18)

Como herdeiro do positivismo durkheimiano, o autor trata o lazer fora dos padrões do trabalho como uma patologia. Tal como Durkheim ao analisar a divisão do trabalho social, compreende o lazer como tendo uma função social no sentido de garantir a regularidade do



trabalho, uma vez que o supõe como elemento estruturador da sociedade moderna-industrial. Assim, o elogio do lazer pressupõe o elogio do trabalho. A crença no lazer se associa a crença no trabalho. Não existe dissociação entre ambos sob risco de constituir uma patologia perigosa para a sociedade que seria a existência de atividades de lazer fora do espectro do trabalho.

Nesta perspectiva o lazer está associado ao controle e a disciplina. Na sociedade capitalista a redução da jornada de trabalho ao longo de décadas de lutas operárias, criou um tempo livre mais extenso e o tempo dedicado ao lazer emerge produzindo toda uma “indústria” voltada para a oferta de atividades relacionadas ao divertimento, entretenimento, dentre outras. Ao longo do século XX verificamos um intenso desenvolvimento das atividades de lazer e que foi associado por diversos autores com a emergência de uma cultura de massa e de uma sociedade de consumo de massa.

O capitalismo no século XX, notadamente após a segunda guerra mundial, viveu um período de ampla produção de mercadorias e de consumo impulsionadas pelas políticas fordista-keynesianas. É desse período a chamada sociedade de consumo de massa, cultura de massa e outros adjetivos usados para retratar o período de pujança do capital. Nesta dinâmica emergiu o lazer massivo e programado, desenvolvido a partir da lógica empresarial e voltada para atender uma demanda crescente. No século XX, o cinema, o rádio, a televisão, o automóvel se destacam como elementos do novo modo de vida capitalista, associado ao desenvolvimento do modo de vida norte-americano.

O lazer passa a ser visto como um produto a ser mercantilizado, comercializado, estruturado a partir da lógica do mercado de consumo. O lazer deve ser consumido como qualquer outra mercadoria e como tal, uma ampla parcela de indivíduos, trabalhadores, são incorporados. O controle e a disciplina deixam o ambiente estritamente fabril e se estende para outros aspectos da vida social. Talvez aí esteja a preocupação da teoria funcionalista do lazer: como o tempo livre dedicado ao lazer foi ampliado pelas conquistas operárias de redução da jornada de trabalho, como utilizar esse tempo dedicado ao lazer sem que o trabalhador desenvolva ideias perigosas e que questionem o trabalho alienado? Obviamente que a resposta passa, então, pela associação do lazer com valores associados positivamente ao trabalho e o que foge disso é visto como uma patologia.

O controle e a disciplina sobre o lazer remetiam as mesmas práticas inseridas no universo do trabalho fabril da era fordista. Dentro da lógica da sociedade de massa, o lazer também passa a ser produzido como uma mercadoria a ser consumida, cada vez mais, por amplas



parcelas de indivíduos inseridos no espírito capitalista do consumo massivo. Nesse sentido, o controle e a disciplina constituem um processo cíclico associado ao consumo e a produção de massa. Portanto, as formas disciplinas e de controle variam historicamente e isso pode ser percebido tanto no fordismo quanto no Toyotismo. Da rígida disciplina e controle fordista o capitalismo foi se transformando com o advento do Toyotismo e suas práticas disciplinas e de controle assentadas no uso intenso de novas tecnologias e na atribuição ao indivíduo das responsabilidades pela vigilância constante seja no universo do trabalho, seja no universo do lazer. Seguindo Gaudemar (1991), o controle e a disciplina como condições essenciais para o funcionamento da produção e do consumo do lazer programado, institucionalizado e operacionalizado por uma indústria específica. A disciplina vista aqui como processo de subordinação dos indivíduos as regras, regulamentos, estatutos vinculados ao consumo do lazer programado. O controle instituído como forma específica de administrar tanto a produção quanto o consumo do lazer programado e massificado.

A partir de fins do século XX, com o advento da produção toyotista, a sociedade capitalista passou a produzir o lazer dentro da lógica do rápido, efêmero, fulgaz. Enfim, do consumo intenso e hipermassificado caracterizado pela individualização crescente e pela curta existência de produtos de lazer. O cinema, a música, os jogos, os esportes, os variados eventos de entretenimento reproduzem essa lógica da mercantilização crescente e do consumo efêmero.

De acordo com Ório (2019),

este capital que se lança sobre o lazer para se apropriar de mais-valor e mais-dinheiro, chamamos *capital recreativo*. O capital produtivo lançado sobre o lazer para a produção de mais-valor em torno de mercadorias como jogos e brinquedos é um *capital industrial recreativo*, enquanto que o capital que obtém lucro improdutivo por meio do lazer, ou seja, a partir da consumação de mercancias como filmes e concertos musicais é um *capital mercantil recreativo*. O lazer é entendido aqui como um conjunto de atividades recreativas, desenvolvidas pelos seres humanos em um tempo residual, ou seja, um tempo restante após a realização do trabalho, necessidades básicas e necessidades sociais. Desta forma, o capital recreativo busca se aproveitar deste tempo residual para se reproduzir na sociedade. (Ório, 2019, p. 194).

Deste ponto de vista, o capital recreativo opera na mesma dinâmica capitalista da produção de mercadorias fabris. O seu desenvolvimento nas últimas décadas impactou na determinação das formas de consumo do lazer em escala global. O aparecimento de novas tecnologias racionalizou ainda mais o processo de produção de objetos, filmes, músicas, dentre outros, quanto o consumo desses objetos.



Sennet (2006), ao discutir a cultura do novo capitalismo pós-1970 constatara que os indivíduos se transformaram em consumidores de potências. Objetos tais como notebook, celulares, ipod possuem uma capacidade de armazenamento de imagens, áudios que não são utilizados pelos consumidores, mas a maioria estão dispostos a comprar sempre os objetos de última geração porque estes prometem maior capacidade de armazenamento.

Para Almeida (2018, p. 54. Grifos do autor), ao apresentar a obra *Ter ou Ser* de Fromm (1982), destaca que:

O modo *ter* é o inverso do modo *ser*. Nesse modo de existência o que vale é a lógica da propriedade privada. Eu só tenho algo se ele estiver em minhas mãos, se eu puder tocá-lo, se eu puder compra-lo, se eu puder mostrá-lo para os outros. Só posso usufruir de algo se ele tiver sido comprado. Tudo aquilo que tenho serve para causar inveja aos outros, para causar o desejo de aquisição. O que vale é a posse, o objeto, a coisa, a mercadoria. No modo *ter* não existe a atividade criativa, o homem vive ocupado, estressado, ansioso, ‘entupido de atividades’ no trabalho, para poder ganhar dinheiro e consumir tudo em mercadorias baratas; não existe o desenvolvimento das potencialidades e nem de capacidades criativas, pois os homens são apáticos, passivos e não tem vontade de aprender com o outro. No modo *ter* não existe o desejo de ver o desenvolvimento de toda a coletividade e a extinção das desigualdades e da opressão, porque o que é ensinado e legitimado é a ideologia da hierarquia e do individualismo.

Importante destacar que Fromm retrata a sociedade de consumo de massa dos anos 1960/70. Desde então esta dinâmica do consumo foi se alterando e radicalizando a ponto de no capitalismo contemporâneo, século XXI, estas questões elencadas se intensificaram de modo brutal à medida que os indivíduos passam a mergulhar em um consumo cada vez mais alienante e a lógica do ter se expressa ainda mais na coleção de mercadorias adquiridas e que denota o status social do comprador. O consumo efêmero, rápido, fugaz vira a instituição desejada. O lazer se insere no consumo efêmero como qualquer outra mercadoria. Da exibição das viagens através de postagens em redes sociais até o consumo de um evento musical, tudo está circunscrito aos desejos de ser reconhecido como um consumidor.

Sendo assim, constituem-se organizações específicas para administrar a produção, o controle e a disciplina das atividades de lazer. No caso brasileiro não foi diferente. Tanto o SESC quanto o SESI estão inseridos no universo empresarial e as políticas estabelecidas visavam e visam construir certos valores relacionados ao lazer e que reforcem o trabalho alienado a partir do entendimento, ainda hoje, de que as atividades de lazer devem possibilitar a melhoria do trabalhador para o desenvolvimento pleno das suas capacidades de trabalho. As



novas tecnologias possibilitaram novas formas de lazer nas últimas décadas e o lazer massivo e programado do século XX sofreu alterações, chegando no século XXI com uma nova roupagem caracterizando o lazer efêmero que deve ser consumido freneticamente e rapidamente para dar lugar a alguma novidade produzida em seguida.

As mudanças no trabalho discutidas por diversos autores (HARVEY, 2003; HELOANI, 2003) demonstram como o modo de produção capitalista alterou as formas e as relações de trabalho no fim do século XX e início do século XXI. A organização de trabalho fordista cedeu lugar, no geral, para a organização de trabalho toyotista. As novas tecnologias impactaram de maneira intensa nos ambientes de trabalho, criando um novo perfil de trabalhador. O controle, a disciplina e a vigilância nos ambientes de trabalho foram modificadas de tal modo que supervisores, gerentes que antes vigiavam e controlavam os trabalhadores tiveram seus empregos reduzidos nas últimas décadas. A tecnologia do controle e de vigilância – câmeras, e-mails, WhatsApp, dentre tantos outros – cumprem o papel anteriormente executados pelos capatazes no século XIX e posteriormente pelos supervisores e gerentes.

No universo do lazer tais mudanças também foram sentidas. Políticas de gestão, o gerencialismo reinante nas organizações capitalistas contemporâneas, a “nova gramática do capital” ou a “novilíngua” presente nos discursos empresariais invadem todos os aspectos da vida social. Das empresas às escolas; das escolas aos movimentos sociais; dos movimentos sociais aos partidos políticos. O discurso disciplinar e de controle expande para todas as esferas da vida social interferindo, inclusive, na produção e nas práticas do lazer na contemporaneidade. Do lazer programado, massificado e institucionalizado da era keynesiana-fordista, passamos para o lazer hiperconsumido e efêmero, fulgaz, descartável da era toyotista e da acumulação integral. Aqui destacamos o contexto em que o SESI está inserido na contemporaneidade.

Desde o final do século XX que a internet, celulares, DVD's, televisores LCD/LED, notebooks, dentre tantos outros equipamentos, alteraram o lazer de modo impactante. Em todas as classes sociais tais tecnologias se espalharam registrando imagens, comunicando em tempo real e colocando o lazer em outro patamar. O lazer pode ser usufruído e registrado a todo instante. (SANTOS, 2018, p. 135)

Como uma organização que se relaciona diretamente com o universo empresarial, nota-se que suas políticas de lazer foram sendo alteradas e enquadradas no novo contexto da produção e da cultura da era da acumulação integral. A diversificação na oferta, a



descartabilidade, o efêmero, o consumo fulgêz do lazer toma dimensões novas tendo em vista as alterações constatadas no trabalho com a introdução de novas tecnologias e as mudanças na legislação trabalhista que tornam os trabalhadores dispensáveis a qualquer momento.

No ciclo do lazer efêmero e descartável a primazia do mercado é total. Todas as formas de lazer são incorporadas à lógica mercantil. Grandes conglomerados do lazer controlam a produção cultural, o entretenimento, a diversão em escala transnacional. O cinema talvez seja o caso mais exemplar dessa nova dinâmica do capitalismo contemporâneo. (...). A ideologia propagada pela mídia, publicidade, marketing, retrata o lazer atual como uma necessidade imperiosa para a felicidade do indivíduo. Propagandas vendem a ideia de paraísos naturais ou artificialmente construídos. O desejo e o status confundem-se nos espaços de lazer, como é o caso do shopping center, shows, festas, clubes. Usufruir o lazer efêmero e descartável, comercializado pelas empresas do setor, aparece como necessidade primordial para a satisfação dos indivíduos. O consumo de jogos eletrônicos, internet, pacotes turísticos, resorts, como realização plena dos seres humanos. (SANTOS, 2018, p. 137).

É nesta fase do lazer que o SESI se insere. Na sociedade capitalista do hiperconsumo e da descartabilidade surgem novas formas de lazer a cada instante e que são produzidas e consumidas dentro de uma dinâmica em que o controle e a disciplina no lazer contribuem para o controle e a disciplina no trabalho e vice-versa. Os valores e conteúdos culturais do lazer (DUMAZEDIER, 1980) expressos na contemporaneidade, reforçam o controle e a disciplina no trabalho. O gerenciamento e as políticas de gestão do lazer não se diferenciam, quanto aos objetivos e práticas, daquilo que está presente nos discursos empresariais voltados para a produtividade crescente e, conseqüentemente, a acumulação de capitais.

### **O Lazer como forma de controle e disciplina: o caso SESI**

Criado nos anos 1940 pelo Governo Vargas, o SESI representa os valores empresariais voltados para a associação entre lazer e trabalho a partir de uma perspectiva instrumental. A instituição possui ligações institucionais com a indústria, no caso através da FIEG. Suas políticas assumem um amplo escopo de atuação, indo de atividades educacionais, saúde, cultura, assistência, responsabilidade social, esporte e lazer ativo.

O Sesi demonstra, logo na abertura do site, uma visão de lazer, esporte, cultura, saúde, voltadas para uma melhoria no desempenho do trabalhador da indústria. Constantemente as atividades ofertadas remetem à qualidade do trabalho, ao desempenho do trabalhador à medida que possibilita uma melhor qualificação da força de trabalho. Nesse sentido, as



imagens inseridas no site remetem à condição de trabalho e de melhoria da saúde do trabalhador visando uma melhor performance nos ambientes de trabalho.

Enquanto instituição vincula ao empresariado, o Sesi promove um conjunto de atividades claramente inscrita em uma visão instrumental do trabalho e do lazer. Nessa perspectiva, o lazer aparece como um conjunto de atividades voltadas para preparar e/ou recompor o trabalhador para o exercício das atividades laborais visando o crescimento do seu desempenho e o aumento da produtividade industrial. Sendo assim, o lazer é compreendido como um mecanismo capaz de otimizar o trabalho à medida que é visto como um elemento capaz de propiciar o bem-estar e a saúde dos trabalhadores.

Sendo assim, lazer e trabalho são vistos como atividades que se complementam mediante a execução de um conjunto de procedimentos relacionados ao bem-estar e a qualificação do trabalhador. Para isso podemos observar o modo como o Sesi descreve no site a sua compreensão das atividades de lazer.

O controle sobre os trabalhadores se expressa nos claros objetivos das ações implementadas no interior das empresas visando adequar o indivíduo à dinâmica empresarial. O lazer instrumental se inscreve no discurso do Sesi dentro de uma perspectiva que relaciona o trabalho, a empresa e a busca de um bem-estar voltado para o sucesso empresarial e a maior integração dos trabalhadores à lógica da gestão de negócios. Isso fica explícito no discurso abaixo sobre o *Circuito Bem-Estar*, oferecido para as empresas:

É um serviço que proporciona vivência sistemática de atividades organizadas em direção a um estilo de vida saudável, de modo a permitir que os participantes possam obter informações, receber apoio e encontrar oportunidades para efetuarem pequenas, mas significativas mudanças no seu estilo de vida. As ações sistemáticas propostas para as empresas são elaboradas de acordo com o resultado da pesquisa do perfil de estilo de vida e hábitos de lazer dos trabalhadores da empresa.

Algumas das ações sistemáticas desenvolvidas são:

Caminhadas orientadas; Lazer de intervalo; Aulas de relaxamento e consciência corporal; Orientação nutricional (Cozinha Brasil); Avaliação da composição corporal.”(<https://www.sesigo.org.br/sesi/site/Institucional.do?vo.codigo=179&v=1&institucional=Para%20Ind%FAstria>. Acesso em 13/04/2018).

O lazer instrumental está voltado para a melhoria do estilo de vida dos trabalhadores para o melhor desenvolvimento das atividades ligadas ao trabalho. Em termos gerais, o lazer é visto na mesma perspectiva funcionalista da sociologia do lazer de Dumazedier (1980; 2002). Nesse sentido, a função do lazer é a satisfação e a busca de um estilo de vida que seja mais adequado às empresas tendo em vista a procura da racionalização de atitudes voltadas para a execução do trabalho. Sendo assim, o lazer instrumental é aquele que está associado a tentativa de diminuir o sofrimento no trabalho, enquadrar o trabalhador, criar uma suposta



satisfação no trabalho, mudar o estilo de vida do trabalhador visando aumentar a produtividade e a lucratividade.

O programa Ginástica na Empresa traz com precisão a lógica instrumental-empresarial típica da gestão contemporânea do lazer. Recomenda-se várias iniciativas, aqui destacamos duas que sintetizam de fato os reais objetivos da organização ao recomendar atividades de lazer no interior das empresas. Trata-se do diagnóstico laboral e o desenvolvimento de ações que agreguem valores. O discurso gerencialista (GAULEJAC, 2007) procura apresentar-se de modo estritamente racional na tentativa de construir um ambiente nas empresas que seja favorável aos negócios. Para isso, a ideologia da gestão afasta qualquer noção de conflito, contradições, exploração do trabalho e no lugar constituem uma linguagem “positiva”, eufórica, de integração do trabalhador à empresa.

A nova linguagem adotada pela gestão contemporânea se aproxima do discurso da autoajuda em que o “sucesso” depende do empenho do indivíduo no trabalho e das suas atitudes proativas que colaboram para o crescimento e a agregação de valores ao produto e às empresas. Daí o discurso acerca do fortalecimento da indústria e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores. O programa ginastica na empresa expressa exatamente esta lógica instrumental e de subordinação dos trabalhadores aos objetivos das empresas. Assim, o programa delinea seus propósitos:

### **Objetivo Geral**

Promover a formação do hábito da prática de atividade física, tendo em vista contribuir com a adoção de estilo de vida ativo, a socialização, a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e o fortalecimento da indústria.

### **Objetivos específicos**

Sensibilizar e orientar trabalhadores para a importância da prática regular da atividade física para a melhoria da saúde ocupacional e geral e do lazer como fator de melhoria da qualidade de vida;

Contribuir com a empresa no exercício da responsabilidade social corporativa;

Promover situações que valorizem as boas relações no trabalho.

### **Principais iniciativas**

Diagnóstico laboral; Diagnóstico do perfil do estilo de vida e dos hábitos de lazer dos trabalhadores;

Palestras de sensibilização;

Planejamento das ações;

Elaboração do programa de atividades físicas a serem desenvolvidas;

Implantação, acompanhamento, supervisão e manutenção das ações;



Desenvolvimento de ações inovadoras que agregam valores;  
Aplicação da pesquisa de satisfação e avaliação do programa;  
Replanejamento.

(<https://www.sesigo.org.br/sesi/site/Institucional.do?vo.codigo=182&v=1&institucional=Para%20Ind%FAstria>. Acesso em 13/04/2018).

Disciplina e controle estão no cerne deste discurso. Controle sobre o lazer dos trabalhadores, sobre os estilos de vida e os hábitos de lazer, sobre o planejamento e as escolhas dos indivíduos. Enfim, formar um trabalhador que seja a imagem da empresa e que favoreça os negócios a partir da adoção de um conjunto de valores capitalistas. O disciplinamento aparece na forma de um regulamento, o programa de ginástica, que prescreve como o lazer vai ser pensado e socializado com os trabalhadores para que possam se adequar a linguagem do mundo dos negócios e da indústria.

Desse modo, Lima (1995) descreve a nova realidade das empresas capitalistas pós-anos 1990 indicando alguns elementos que passam a caracterizar o discurso empresarial e de gestão de pessoas:

Tentativa de criar uma comunidade global e de tornar a empresa algo mais do que um simples local de trabalho. Algumas dessas empresas criam 'organizações esportivas', 'clubes de viagem' ou até mesmo 'corais'. Seus dirigentes anunciam sua intenção de preencher o vazio deixado pelas instituições tradicionais (como a igreja, a família ou a escola) e de criar uma 'instituição-mãe' conservando, ao mesmo tempo, o espírito de empresa. (...). O controle é o elemento central dessas novas políticas, representando o aspecto que as diferencia, fundamentalmente, das políticas tradicionais. (LIMA, 1995, p. 39).

Assim, os discursos da gestão, do gerencialismo, constituem uma linguagem que conduz ao controle e a disciplina no interior das empresas a partir do momento em que os próprios indivíduos internalizam certos valores e os possuem como verdades a serem seguidas de qualquer modo. Talvez tenhamos chegando à democracia totalitária (BERNARDO, 2004) em que as empresas exercem sua soberania absoluta. O contexto em que emerge essas novas formas de controle e disciplina está associado a chegada do neoliberalismo enquanto ideologia empresarial e de governos nos diferentes cantos do mundo. As reformulações gerenciais chegam receitando novas formas de gerir os sentimentos, os desejos, as emoções dos indivíduos com o intuito de arrancar daí um maior envolvimento e subordinação aos objetivos e condutas empresariais. A sociedade vira imagem e semelhança da empresa. A vida, o sentimento, o cotidiano são pensados enquanto situações imbricadas pelos interesses das empresas e dos capitalistas.



A gestão do Sesi para os eventos é apresentada de modo explícito como um conjunto de atividades que podem ser executadas tanto nas empresas quanto fora delas de acordo com os interesses da indústria. Em síntese, o Sesi se coloca como uma organização voltada para o planejamento, organização e desenvolvimento de um tipo de lazer, instrumental, com claros propósitos de satisfazer os objetivos e interesses das empresas e, especialmente, da indústria. Nesse sentido, a gestão Sesi do Lazer se apresenta como:

Vivências pontuais de atividades de lazer, composto de ações direcionadas a um estilo de vida saudável. A gestão do Sesi implanta e executa as atividades planejadas, nas empresas ou fora delas, com base nas necessidades e interesses das empresas, sendo as mesmas orientadas por acadêmicos ou profissionais de Educação Física graduados. São ações pontuais de atividades de lazer, objetivando a busca de um estilo de vida mais saudável para os trabalhadores das empresas.

**Exemplos de ações planejadas:**

Atividades recreativas; Atividades esportivas / campeonatos; Avaliação da composição corporal / IMC / bioimpedância; Camarim divertido; Avaliação do Nível de estresse; Avaliação dos Hábitos Alimentares; Massagem Expressa; Espaço Zen.

(<https://www.sesigo.org.br/sesi/site/Institucional.do?vo.codigo=180&v=1&institucional=Para%20Ind%FAstria>. Acesso em 13/04/2018).

A preocupação com a saúde do trabalhador é uma constante. Daí as atividades programadas para que o trabalhador tenha acesso visando melhorar o seu desempenho e ao mesmo tempo evitar o afastamento do trabalho causado por questões relacionadas a saúde. O programa Sesi Corporativo deixa isso em evidência:

Atividade física sistematizada e orientada em ambiente corporativo, ou fora dele, como estratégia de promoção da saúde e bem-estar.

**Academia na empresa**

Serviços de exercícios físicos sistematizados em academias ou salas de ginástica na indústria ou nas unidades do SESI.

**Grupos de treinamento esportivo personalizado**

Serviços de atividade esportiva sistemática organizada por grupos de interesse e realizada nas indústrias ou nas unidades do SESI.

**Objetivo: melhorar a aptidão física do trabalhador.**

(<https://www.sesigo.org.br/sesi/site/Institucional.do?vo.codigo=181&v=1&institucional=Para%20Ind%FAstria>. Acesso em 13/04/2018).

Além disso campanhas de vacinação e segurança no trabalho são constantemente levadas ao interior das empresas dentro do propósito de evitar o adoecimento que provoca o baixo desempenho e conseqüentemente a queda da produtividade e da lucratividade. Como o próprio Sesi anuncia, o objetivo é melhorar a aptidão física no sentido de atender os interesses da indústria.



As imagens que estão no site do Sesi remete ao trabalho na indústria e ao bem-estar dos trabalhadores, livres da gripe e preparados para o trabalho. Nota-se que a ideia de saúde está vinculada a um padrão de trabalhador, branco e higienizado. O espaço de trabalho remete a um lugar limpo, enfatizando a indústria com local de trabalho sadio e livre de doenças. (<https://www.sesigo.org.br>).

Por fim, o Caminhão da Cultura reforça todas as ideias anteriores divulgadas pela organização e reforçando uma preocupação mais geral acerca do envolvimento de um contingente maior de indivíduos com os objetivos empresariais. Trata-se de levar o lazer e a cultura para espaços diversos no sentido de alcançar um público maior. Portanto:

É um projeto de caráter socioeducativo desenvolvido por meio de ações de lazer e cidadania que serão realizadas em empresas, escolas, clubes, associações, ruas e praças, envolvendo e mobilizando usuários do Sistema Fieg e a comunidade. Uma das bandeiras do projeto é levar ao trabalhador o lazer, a cultura, a informação e o entretenimento em seu próprio local de trabalho, proporcionando com isso melhoria da qualidade de vida.

(<https://www.sesigo.org.br/sesi/site/Institucional.do?vo.codigo=38&v=4>. Acesso em 13/04/2018).

Os programas divulgados pela organização no site expressam uma preocupação com a gestão de resultados, com o gerencialismo em moda no capitalismo atual. Na era da competição e da mercantilização total da vida, as empresas ditam as regras e procuram “a modelagem da sociedade pela empresa”. (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 326). A cultura da empresa como cultura da sociedade. Os desejos, sentimentos e valores sendo manipulados pelos gurus da gestão e seus adeptos. O indivíduo inserido no lazer e no consumo como um mecanismo que reproduz os interesses da gestão e das empresas. A “cultura da empresa” como modelo de vida para a competição em tempo integral.

Desse modo, o Sesi se coloca como uma organização que pratica e reforça os valores empresariais. Que procura convencer os trabalhadores utilizando o lazer, a cultura, a saúde para proliferar a nova linguagem neoliberal das empresas, da indústria, do capitalismo neoliberal. Portanto, o lazer instrumental se expressa como prática a ser inserida na indústria para moldar a vida do trabalhador nos propósitos da gestão de resultados. O discurso institucional exhibe a preocupação constante com o controle, a disciplina e a subordinação dos trabalhadores a partir do uso do lazer instrumental para conformar o consenso, a



harmonia no interior das empresas. Eis o significado da manipulação psicológica no trabalho. (HELOANI, 2003).

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Felipe Mateus de. *O Consumo nas Ciências Sociais: uma abordagem crítica*. In.: Santos, Cleito P. & Almeida, Felipe M. Lazer, Trabalho e Consumo: a dinâmica mercantil e os impactos socioculturais. Curitiba-PR, Editora CRV, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt.. *Vida para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- DARDOT, P. & LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2004.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- GAUDEMAR, Jean-Paul de. *El Orden y la Producción; nacimiento y formas de la disciplina de fábrica*. Valladolid-ES, 1992.
- GAULEJAC, Vincent de. *Gestão como Doença Social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida-SP, Ideias & Letras, 2007.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. 12ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- HELOANI, Roberto. *Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado. História da Manipulação Psicológica no Mundo do Trabalho*. São Paulo, Atlas, 2003.
- LIMA, Maria Elizabeth A. *Os Equívocos da Excelência: novas formas de sedução na empresa*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1996.
- ÓRIO, Mateus Vieira. *O Capital Recreativo: a apropriação capitalista do lazer*. Curitiba-PR, Editora CRV, 2019.
- PADILHA, Valquiria. *Antimanual de Gestão: desconstruindo os discursos do management*. Aparecida-SP, Ideias & Letras, 2015.
- PARKER, Stanley. *A Sociologia do Lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SANTOS, Cleito Pereira dos. *Os Ciclos do Lazer: disciplina e controle social*. In.: Santos, Cleito P. & Almeida, Felipe M. Lazer, Trabalho e Consumo: a dinâmica mercantil e os impactos socioculturais. Curitiba-PR, Editora CRV, 2018.
- SENNETT, R. *A Cultura do Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2006.